

FOUCAULT, SADE E AS LUZES: O QUE NOS INTERESSA SABER DESTA RELAÇÃO?

Alex Pereira de Araújo*
LABEDISCO/UESB

Resumo: este estudo retoma a discussão realizada por Philippe Sabot em *Foucault, Sade e as Luzes*, quando se tratou dos usos da obra do Marquês de Sade nos estudos realizados por Michel Foucault desde a História da Loucura até A vontade de saber. O que nos interessa saber desta relação? Esta é a questão principal que norteou a nossa reflexão.

Palavras-chave: *Foucault; Sade; Kant; Aufklärung.*

Résumé: Cette étude reprend la discussion tenue par Philippe Sabot en *Foucault, Sade et les lumières* quand on a traité des utilisations de l'œuvre du marquis de Sade par Michel Foucault depuis l'Histoire de la folie jusqu'à la volonté de savoir. Ce qui nous intéresse savoir de cette relation? C'est la question principale qui a guidé notre étude.

Abstract: This study takes up the discussion held by Philippe Sabot in *Foucault, Sade and the Enlightenment* when it came the Marquis de Sade's work uses in studies conducted by Michel Foucault from *Madness and Civilization* to *The Will to Knowledge*. What interests us know of this relationship? This is the main question that guided our study.

Mots-clés: *Foucault; Sade; Kant; Aufklärung*

Keywords: *Foucault; Sade; Kant; Enlightenment*

INTRODUÇÃO



o longo de mais de 30 anos, Michel Foucault dedicou-se ao empreendimento de pesquisas que tinham como principal objetivo fazer a história dos modos como os seres humanos se tornam sujeitos (cf. FOUCAULT, 1995). Desse seu gesto, resulta uma crítica acerca da concepção do sujeito soberano cunhada no seio da *Aufklärung* pelos filósofos iluministas, concepção que alimentou a Idade Moderna. Nesses empreendimentos, Foucault realizou, por meio de sua arqueologia, uma busca pela *episteme* que caracterizou o período chamado, por ele, de Idade Clássica (cf. FOUCAULT; 1978; 1981; SABOT, 2006).

Com essas pesquisas, o filósofo da inquietação se deparou com a obra de Kant e com a obra de Sade, procurando descrever “a mutação que por volta do século XVIII, se produziu em toda *episteme* ocidental” (FOUCAULT, 1981, p. 285). Em Foucault, diríamos que tanto Kant quanto Sade estão na ordem do saber. É justamente nesses estudos, que ele começa a discutir a questão da *Aufklärung* e o modelo de sujeito forjado a partir de uma razão iluminada que libertaria os indivíduos das amarras da escuridão da ignorância, ou seja, da servidão e da opressão.

A respeito da obra de Donatien Alphonse François de Sade, ou simplesmente, o Marquês de Sade, podemos dizer que ela começou a ser redescoberta na França nos anos de 1940 por Pierre Klossowski, com a publicação de *Sade meu próximo*. Entre 1947 e 1957, Georges Bataille continuará com a discussão sobre Sade, desta vez, tratando “o segredo de Sade” (*Le secret de Sade*) na revista *Critique* e na reedição dos romances “*Infortunes de la vertu*” e “*120 journées de Sodome*” na França.

Sade: a outra face da *Aufklärung*

Nos anos de 1960, o jovem Foucault vai trazer à tona a relação intrínseca da obra de Sade com o iluminismo, sobretudo, em relação à autonomia do sujeito racional, desenhado pelas Luzes, o qual está na ordem do saber e nos fundamentos da modernidade. Em outras palavras, podemos dizer que Kant e Sade não se excluem, mas se complementam na medida

em que o primeiro analisa os fundamentos da lei moral, desenvolvendo, para isso, o *princípio imperativo categórico* sob o qual devemos basear nossa conduta em valores adotados por todos; já o segundo, apresenta-nos a racionalização do sexo em romances como *Justine* e em *Juliette*, obras analisadas por Foucault em *As palavras e as coisas*, na *História da Loucura*, em vários textos dos *Ditos e Escritos* e, por fim, em *História da Sexualidade*.

Dessa forma, Foucault amplia as discussões acerca do sadismo, desenhando simultaneamente uma interpretação paradoxal das Luzes divididas entre Sade e Kant. Para Sabot (2006, p. 141), “Foucault, arqueólogo, se dedicou [...] a mostrar a ambiguidade do iluminismo”. É justamente com a inserção de Sade na discussão da *Aufklärung* que se pode acessar não só o lado obscuro das Luzes, mas também a ambiguidade de que se refere Sabot (2006). Tal ambiguidade é assinada por Foucault desde *As palavras e as coisas* até a *História da Sexualidade*; ou seja, ela alcança todos os empreendimentos realizados por Foucault de uma forma constante e em deslocamentos. Em *As palavras e as coisas*, Foucault atribui à obra de Sade a fundação arqueológica de identificação crítica de um limiar: esta vai realizar e designar o fim do pensamento clássico, conforme ressalta Sabot (2006). Já na *História da sexualidade* (a vontade de saber), o trabalho de Foucault procura trazer à tona a figura de um Sade que dá ao “pensamento do externo” a forma de

uma sexualidade anônima. Para Foucault (2001, p. 222), “é menos arriscado supor que a primeira brecha por onde o pensamento do exterior se revelou para nós está, paradoxalmente, no monólogo repetitivo de Sade”. A respeito do pensamento do exterior, podemos dizer que ele está ligado à abertura da linguagem que se dá na literatura, ou seja, “é a linguagem se colocando o mais longe possível dela mesma; e nessa colocação ‘fora de si’, ela desvenda seu ser próprio”. E neste caso, “o ser da linguagem só aparece para si mesmo com o desaparecimento do sujeito” (FOUCAULT, 2001, p.222). O este pensamento se opõe ao pensamento interno, “à interioridade de nossa reflexão filosófica e à positividade de nosso saber”.

O nascimento da *Aufklärung*

Em relação à *Aufklärung*, podemos dizer que ela aparece no século XVIII como reação às “trevas” que alimentavam, e alimentam, a ignorância, a superstição e, sobretudo, o despotismo do no Antigo Regime. Foucault afirma no texto “*O que são as Luzes?*” que “não existe quase nenhuma filosofia que, direta ou indiretamente, não tenha sido confrontada com essa mesma questão: qual é então esse acontecimento [...] e que determinou, pelo menos em parte, o que somos e fazemos hoje?”. Essa última questão parece ter motivado Foucault a operar a ambiguidade das Luzes por meio da genealogia de forma mais radical. Nestes

termos, a razão em Sade está agora exposta a uma dupla objeção (SABOT, 2006).

A partir daí, havemos de perguntar como Foucault se libertou da maneira tradicional de perceber as Luzes, reelaborando a temática *Aufklärung* a partir da relação de Kant com Sade, ou seja, como Foucault escapa da figura literária de um Sade apenas condicionado ao estigma de promotor de um certo discurso pornográfico. Em termos foucaultianos, Sade parece superar o imperativo da categoria kantiana, ao inverter a fundação racional da autonomia do sujeito moral pelo excesso discursivo de uma combinação sexual em que a pessoa (a ser respeitada). É justamente aí que podemos perceber o ponto crucial da relação Foucault, Sade e as Luzes: a questão do sujeito.

Respondendo a questão kantiana “*Was ist Aufklärung?*”, Foucault, em “*O que são as Luzes?*”, vai enfatizar o enraizamento na *Aufklärung* de um tipo de interrogação filosófica que problematiza simultaneamente a relação com o presente, o modo de ser histórico e a constituição de si próprio como sujeito autônomo (FOUCAULT, 2001, p. 361). Nestes termos, é preciso interrogar o que Foucault entende como sujeito, já que ele buscou fazer a história dos modos como os seres humanos se tornam sujeito, além, é claro da crítica sobre o sujeito desenhado na *Aufklärung*.

Então, parece que Foucault nos seus últimos anos buscou fazer uma análise que pudesse explicar a constituição do sujeito na trama histórica. Daí, em *Sujeito e Poder*, um de seus últimos textos, o filósofo da inquietação e dos deslocamentos faz um balanço da questão do sujeito ao longo dos últimos 20 anos de pesquisa, explicou que em suas pesquisas teve que lidar com três modos de objetivação que transforma os seres humanos em sujeitos. Depois, estudou como os sujeitos se constituem em relação aos outros: “exemplos: o louco e o doente, o sadio, os criminosos e os ‘bons meninos’” (FOUCAULT, 1995, p. 231). Por fim, diz que tentou estudar o modo pelo qual um ser torna-se sujeito no domínio da sexualidade, ou seja, “como os homens aprenderam a se reconhecer como sujeitos de ‘sexualidade’” (FOUCAULT, 1995, p. 232).

O ponto de articulação: o sujeito em questão

Então, encontramos em Foucault um ponto de articulação entre Sade e as Luzes por meio da questão do sujeito, a qual está demarcada pelo saber, pelo poder e pela razão. Daí, relembramos que nessa relação de Foucault, Sade com as Luzes, o que nos interessa é a questão do sujeito, ou seja, o sujeito demarcado pela razão emancipadora. Dentro dessa relação, a questão do corpo como discurso está diretamente ligada ao modo como a questão da *Aufklärung* desenha e demarca o sujeito por meio da razão e da moral. Neste ponto, “Sade passa em revista todas as possibilidades, todas as dimensões da atividade sexual e as análises, muito

escrupulosamente, elementos por elementos”; conseqüentemente, a obra de Sade põe em xeque a soberania do sujeito ao submeter os corpos a um processo de despersonalização de um desejo calculado e de um desejo e de um “logos” aritmético. Dessa forma, a leitura de Sade realizada por Foucault promove uma novidade dentro do acontecimento histórico da *Aufklärung* ao evidenciar que Sade subverte a fundação racional da autonomia do sujeito moral. Para Sabot (2006), a orientação sensível da leitura de Sade feita por

Foucault “se inscreve exatamente no prolongamento das teses defendidas por Adorno e Horkheimer, em ‘*A dialética da razão*’”. Ela se dedica a estabelecer a contradição própria das Luzes, a qual se esboça sobre a elaboração de uma racionalidade instrumental que se transforma em instrumento de dominação e de destruição (SABOT, 2006).

Considerações finais

Em suma, nosso interesse é pela crítica realizada por Foucault acerca do “sujeito autônomo” que emerge ou que se constitui no acontecimento histórico das Luzes, ou seja, como Sade aparece na discussão sobre as Luzes. Toda essa reflexão tem a ver com a questão do corpo no horror à medida que tratamos dos excessos discursivos que estão presente na materialidade filmica. Em outras palavras, nosso interesse acerca da discussão que emerge da relação trazida à tona por Foucault é sempre sobre a crítica que se realiza sobre o sujeito soberano e a questão da inversão da racionalidade que

a leitura de Foucault sobre a obra de Sade nos legou.

Referências

FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho; revisão de Antonio de Pádua Danesi. - São Paulo: Perspectiva, 1978. (Edição brasileira).

_____. **As palavras e as coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. - São Paulo: Martins Fontes, 1981. (Edição brasileira).

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque e J. A. Guillon Albuquerque. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. (Edição brasileira).

_____. Sujeito e Poder. In: **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo**. Tradução de Vera Porto Carrero. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. O que são as Luzes? In: **Arqueologia das Ciências e história dos sistemas de pensamento (Ditos e Escritos II)**. Organização e seleção de texto Manoel Barros da Motta; tradução de Elisa Monteiro. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 364-365. (Edição brasileira).

_____. Prefácio à transgressão. In: _____. **Estética: literatura e pintura, música e cinema (Ditos e Escritos III)**.

Organização e seleção de texto Manoel Barros da Motta; tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001; p. 45. (Edição brasileira).

_____. O pensamento do exterior. In: _____. **Estética: literatura e pintura, música e cinema (Ditos e Escritos III)**. Organização e seleção de texto Manoel Barros da Motta; tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (Edição brasileira).

_____. Sade, sargento do sexo. In: _____. **Estética: literatura e pintura, música e cinema (Ditos e Escritos III)**. Organização e seleção de texto Manoel Barros da Motta; tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. (Edição brasileira).

_____. KLOSSOWSKI, P. **Sade, mon prochain**. - Paris: Seuil, Pierres vives, 1947. (Edição francesa).

_____. **Sade, meu próximo**. Tradução de Armando Ribeiro - São Paulo: Brasiliense, 1985. (Edição brasileira).

SABOT, P. *Foucault, Sade et les Lumières*. In: MONDOT, J. **Foucault et les Lumières**. - Bordeaux: Lumières, 2006, p. 141-155.

_____. *Foucault, Sade e as Luzes*. Tradução de Alex Pereira de Araújo. In: **REDISCO**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 2, p. 111-121, 2013. Disponível:

<<http://periodicos.uesb.br/index.php/redisco/article/viewFile/2120/1801>>.

.....
Artigo publicado em O corpo é discurso na edição especial de 31.01.2014. Disponível em:

<<http://www2.uesb.br/labedisco/wp-content/uploads/2014/02/O-Corpo-%C3%A9-discurso-Edi%C3%A7%C3%A3o-Especial.pdf>>

Versão em áudio no Youtube; disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=t1eVyjJq78M>>

*Sobre o autor

Alex Pereira de Araújo integra a equipe de colaboradores bolsistas (CAPES) do Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo (LABEDISCO) da UESB. Realizou estágio doutoral pelo PDSE da CAPES na Universidade Paris III em 2014. É ainda pesquisador no Projeto Traduzir Derrida: políticas e desconstruções da UESC (CNPq). Atualmente, está na fase de conclusão do doutorado em Memória: linguagem e Sociedade da UESB.

Contato: alex.scac@hotmail.com